

BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: ESPAÇO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA

Ana Karyne Loureiro Furley- Universidade Federal do Espírito Santo
(PPGE/UFES/CAPES)¹

Hiran Pinel- Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES/CAPES)²

Eixo temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

Esse artigo objetiva refletir o processo das práticas pedagógicas a partir da relação professor e aluno sob um foco fenomenológico-existencial, centrando-se em um pequeno recorte de um dos capítulos da dissertação de Furley (2019) no qual relata a didática inclusiva da professora da classe hospitalar, denominada pela pesquisadora como ÁGUA realizada no espaço da brinquedoteca hospitalar da ACACCI. Dialoga-se com essa prática a partir do estudo do filme chinês “Nenhum a menos”, vencedor do Leão de Ouro de melhor filme do Festival Internacional de Cinema de Veneza de 1999 (1998, direção de Yimou Zhang) com o personagem fílmica chamada Wei que é uma garota de 13 anos contratada para ser uma professora substituta. Trata-se aqui-agora de um estudo fenomenológico, onde a leitura do material apresentado, fundamentado em Furley (2019), Pinel (2015), Merleau-Ponty (1999), Axline (1972) no qual permite ao leitor compreender que o ser-criança se concretiza no mundo pela corporeidade, experiência e percepção vividas e sentidas em uma realidade que nos questiona sobre os sentidos de existência em meio à fugacidade da vida, dentre elas o estar ausente do espaço escolar. Associou-se à assistência envolvida e distanciada da película, conduzindo a autora a tecer reflexões sobre a temática apresentada, bem como descrever o enfrentamento de ÁGUA e Wei em um processo subjetivado no qual as professoras estão expostas a invisibilidade do Estado, pontuando por vezes, a semelhança com as escolas brasileiras. Nesse caso, apontamentos possíveis nos revelam a busca em assegurar direitos por uma inclusão numa perspectiva voltada, de fato, a partir da não exclusão.

Palavras chaves: Brinquedoteca Hospitalar, Educação Especial, Inclusão, Não-exclusão, Fenomenologia.

¹ Mestre em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Psicopedagoga. Especialista em Atendimento educacional escolar (AEE) e Educação Inclusiva e Especial. Brinquedista Hospitalar e Afiliada a ABBri (Associação Brasileira de Brinquedotecas). anakaryneloureiro@gmail.com

² Professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação (Ufes). Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP. Mestre em Educação (Ufes). Bacharelado e licenciatura (plena) em Psicologia. Licenciatura em Pedagogia, em Filosofia, em Biologia e em Matemática. Autor de alguns livros e artigos científicos. Trabalha sob o enfoque fenomenológico-existencial com base em evidência das/nas descrições científicas do vivido. hiranpinel@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Compreender a brinquedoteca hospitalar apenas como espaço de brinquedos é reducionismo. Axline (1972) descreve a importância da sala de brinquedos através das sessões de Ludoterapia, no qual destaca esse espaço como “um bom lugar de crescimento” (p.13). Enfatizando que:

Libertando-se desses sentimentos através do brinquedo, ela se conscientiza deles, esclarece-os, enfrenta-os, aprende a controlá-los, ou os esquece. Quando ela atinge certa estabilidade emocional, percebe sua capacidade para se realizar como indivíduo pensar por si mesma, tomar suas próprias decisões, torna-se psicologicamente mais madura e, assim sendo, tornar-se pessoa (p.13).

Cunha (2007, p.14) destaca que brinquedoteca, muitas vezes conhecida como sala de brinquedos, tem a finalidade “acima de tudo, para fazer as crianças felizes; [...]” através de seus espaços como canto do faz-de-conta, teatrinho canto da leitura, estantes com brinquedos, sucatoteca, oficina, canto das invenções, mesa de atividades, acervo de jogos. Para Axline (1972), “o impacto das forças da vida, a interação dos indivíduos e a própria natureza do ser humano põem em pauta essa integração constantemente mutável que se processa dentro do indivíduo” (p.10). O brincar, o jogar, o fantasiar-se, a contação de histórias através do teatro proporciona à criança em tratamento oncológico, que também é o aluno da classe hospitalar além da possibilidade de exercitar a concentração, a coordenação global do corpo, as noções de espaço, a percepção viso-motora, as noções de equilíbrio e ritmo, o reconhecer-se em seu corpo através da auto expressão, e principalmente a não afastar-se do processo de aprendizagem em sua ausência escolar.

A Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil (ACACCI) é uma organização não governamental sem fins lucrativos (ONG), localizada em Vitória/ES, que acolhe crianças e adolescentes em tratamento oncológico e hematológico e conta em suas instalações, segundo Furley (2019), com uma brinquedoteca hospitalar em espaço não hospitalar. Este espaço foi garantido através da Lei nº 11.104/05 (BRASIL, 2005), a qual delibera sobre a instalação de brinquedotecas em unidades de saúde, que em regime de internação oferecem atendimento pediátrico. Além desse espaço de direito, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (SEDU), disponibiliza aos professores, de acordo com a demanda escolar da instituição, uma classe

hospitalar, direito esse assegurado através da Lei 13.716/2018, conforme destacado a seguir.

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (BRASIL, 2018).

Destaca-se nesse espaço-tempo, a partir da reflexão proposta, a importância do espaço da brinquedoteca hospitalar para o processo das práticas pedagógicas tendo em vista a necessidade da continuidade do desenvolvimento cognitivo a partir do processo de escolarização da criança em tratamento oncológico, a fim de possibilitar a essa criança/aluno trilhar caminhos com novas possibilidades e sentir-se vivente enquanto ser no mundo, tendo a professora ÁGUA como elo que os une. Esse ser vivente, agora paciente oncológico, na maioria das vezes, passa por um longo período de tratamento durante seu ciclo de vida e conseqüentemente acaba sendo privado de rotinas estabelecidas no processo de escolarização.

A ludicidade caminha lado a lado da aprendizagem e, conseqüentemente, lado a lado do currículo escolar, donde muitas vezes nesses espaços de brincar denominados “brinquedotecas hospitalares” acontecem aulas das classes hospitalares. Através da ludicidade o professor da classe hospitalar deve coadjuvar em cena para que essa criança, agora um aluno hospitalizado, possa se adaptar à sua nova realidade, não abandonando o mundo externo e suas demandas através de múltiplas aprendizagens. Sabe-se, através de leituras (FURLEY, 2019; TRUGILHO, 2008; PINEL, 2015; BRAGIO, 2014, 2019; ACAMPORA, 2015) que a criança hospitalizada e sua família passam por um processo de fragilização vivenciando esse período de hospitalização através de procedimentos invasivos, sendo privados da companhia de amigos e familiares, de uma rotina agradável, causando uma ruptura e privação na vida desse paciente e de sua família.

Mas é aqui que é preciso se calar, pois apenas o herói vive até o fim sua relação com os homens e com o mundo, e não convém que um outro fale em seu nome. “Teu filho está preso no incêndio, tu o salvarás... Se há um obstáculo, venderias teu braço por um auxílio. Tu habitas em teu próprio ato. Teu ato é tu... Tu te transformas... Tua significação se mostra, ofuscante. Este é teu dever, é tua raiva, é teu amor, é tua fidelidade, é tua invenção... O homem é só um laço de relações, apenas as

relações contam para o homem.” (MERLEAU PONTY, 1999, p.612).

Para nós, envolvidos com a educação, essa criança “é um indivíduo dentro do seu próprio direito” (AXLINE, 1972, p.13), e dentre eles, o direito ao brincar e o direito à educação durante o tratamento oncológico, durante as altas hospitalares e no retorno a rotina da escola regular é acima de tudo, o olhar que não perde de vista a inclusão, o olhar que zela por nenhum a menos. “O que é que pode ser feito, se é que há alguma coisa que se pode fazer, para ajudá-las a ser ajudarem?” (AXLINE, 1972, p.7).

Além de proporcionar meios que ajudem a preservar a saúde emocional dessa criança e fazer com que esse ser criança tenha o mínimo de perdas possíveis em relação ao processo de aprendizagem, possibilitando por meio de estímulos através de leitura, jogos e brincadeiras a continuidade das etapas de desenvolvimento da criança e principalmente focar em preparar a criança para voltar para a sua rotina habitual, dentre elas o retorno à escola regular.

2 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento deste estudo foram refletidos e estruturados a partir das produções discursivas citadas ao longo do capítulo da dissertação de Furley: “O Cravo brincou com a Rosa” (2019, p. 127-139), sob a orientação do prof. Dr. Hiran Pinel (PPGE/CE/UFES), da obra *Por uma fenomenologia do brincar* (FURLEY; PINEL, 2020) e da leitura do diário de campo da pesquisadora a fim de buscar-se sensações, descrições a partir de memórias, relacionado-as com alguns conceitos de Merleau-Ponty (1999) e Axline (1972) bem como recorreu-se ao filme “Nenhum a menos” (China, 1998, direção de Yimou Zhang), através do método fenomenológico existencial sustentado a priori em Pinel em “modos e ser junto ao outro no mundo” (PINEL, 2015, p. 43). Buscou-se evidenciar diante da temática apresentada nessa pesquisa, o espaço da brinquedoteca hospitalar como potencializa(dor) na construção do conhecimento e sentidos a partir da práxis pedagógica visto que “Os brinquedos auxiliam o processo porque são o meio natural de auto-expressão da criança. É o material geralmente concedido à criança como propriedade sua” (AXLINE, 1972, p.20).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As palavras *classe hospitalar*, *direito dos alunos em tratamento oncológico e inclusão desses alunos* nos remete a compreender de fato, que essa temática tem sido pouco a pouco utilizada/ direcionada, nos ambientes escolares e nas elaborações de leis, no sentido de se referir às subjetividades/ comportamentos que hostilizam, violam direitos e diminuem os indivíduos com câncer inseridos nos espaços escolares, que se realizam pautadamente nas relações inter/intra(pessoais) de estudantes entre si, suas famílias, discentes, docentes, gestores, sociedade, Estado. Assim como a valorização do profissional que atua nas classes hospitalares e na educação especial. Podemos, eu e você leitor, pensar que se trata da reprodução da cadeia brasileira para dentro da escola.

Objetivou-se aqui-agora refletir sobre os sentidos para uma educação inclusiva “*nenhum a menos*”, a partir de duas professoras que colocam, a priori, o direito a educação como cerne em suas existências enquanto ser-sendo-professoras. Ambas têm muito a nos ensinar com suas práticas pedagógicas. Coincidentemente, ambas são professoras temporárias: uma professora substituta, personagem de um filme chinês, nomeada de professora Wei e a outra, uma professora por designação temporária (DT) da classe hospitalar da ACACCI, nomeada pela pesquisadora como ÁGUA.

Na película “*Nenhum a menos*”, conhecemos o personagem Wei, uma jovem garota de 13 anos de idade, de fala macia e suave, aparentemente tímida, moradora de um vilarejo humilde e pobre que recebe uma oferta de emprego para dar aula como professora substituta no período que o professor regente ficará ausente, de licença para um tratamento médico. Única a se candidatar, é contratada pelo prefeito do pequeno vilarejo por 50 *uein* (moeda chinesa) ao mês, para ser professora de uma turma multisseriada (pré-escola ao 4º ano) de 28 alunos. Wein é apresentada aos alunos, sendo “despejada” como se fosse traduzindo nossas percepções para expressões tipo “o que temos para agora”. Realidades não tão distantes das realidades de muitas salas de aula brasileiras são destacadas na primeira parte da película, uma sala de aula sem qualquer tipo de recursos financeiros, chão de barro, sem banheiro. Além da

inexperiência da jovem professora, de sua pouca idade, da falta de preparo e falta de confiança em si são fatores marcantes no início de sua jornada. A cena na qual o prefeito do vilarejo questiona o professor Gao sobre o dinheiro que ele enviou para a escola é “notável”, o mísero valor destinado ao conserto de uma mesa foi utilizado para a compra de uma caixa de giz. Quantas escolas brasileiras e classes hospitalares também não estão nessa condição de invisibilidade? Como ensinar sem usar a lousa? Diante dessa triste realidade, a única regra estabelecida naquela escola era gastar apenas 1 giz por dia e economizá-lo. O professor Gao orienta a professora substituta, antes de sua partida: “Não escreva muito grande. Gasta giz. [...] Esta é uma escola muito pobre. Não há muito giz disponível. [...] Só o que temos é algum giz. “(05:43’). Giz este, mostrado em algumas cenas como símbolo de respeito e sabedoria, graça a ele o conhecimento era compartilhado. Essa escola também funcionava como internato para 5 alunos que não moravam nas proximidades, dos quais 2 meninos dormiam sobre as mesas na sala de aula, e as 3 meninas dormiam na mesma cama que Wein, cama esta que recebia cadeiras em suas laterais para acomodar a todas. Ali, dividiam suas dificuldades e suas alegrias, e também brincavam no grande terreno de terra. No dia que Wein assumiu o cargo como professora substituta, o professor Gao, antes de partir, prometeu a ela 10 *uein* caso em seu retorno a sala ainda tivesse o mesmo número de alunos, fazendo-a prometer “nenhum a menos”.

Desejando receber o dinheiro e firme em sua promessa, a película sensibiliza o telespectador a se envolver na jornada por nenhum a menos. A necessidade financeira de uma professora, a possibilidade em perder qualquer valor em sua receita mensal nos leva a refletir sobre o que seria para Wein o significado de *nenhum a menos*? E a partir daí será apresentada a segunda parte da película. A aluna Ming, ganha uma bolsa de estudos para estudar em uma escola de atletismo e com isso Wei tenta sabotar a ida da aluna, porém não consegue. Na cena da aluna partindo, o prefeito ao ver o desespero da professora, comenta com o professor Gao:

“Manter os miúdos na escola é mais duro que ensiná-los” (25:28’). O envolver a vida real com a ficção é algo que nos leva a mais reflexões: O que é ensinar? O que é incluir? O que significa não perdê-los? O que é ser professora?

Wein se desespera quando percebe durante a chamada de alunos que falta outro aluno e vai até a casa dele saber o que estava acontecendo. A mãe do garoto encontra-se doente e com muitas dívidas e por isso mandou o filho a um centro urbano para trabalhar e poder enviar dinheiro. O desejo de Wei em buscar Zhang será o elo entre essa professora e os alunos que até então não a respeitavam e passam a apoiá-la, ela em busca do dinheiro prometido pelo professor Gao e as crianças em busca do amigo.

Sem muito dinheiro percorreu a pé quase todo o trajeto até o centro urbano. Após gastar seu pouco dinheiro conseguido com a ajuda dos alunos comprando papel e tinta para fazer cartazes numa tentativa frustrada de localizá-lo, passou fome, dormiu ao relento e o cansaço físico e emocional pode ser percebido por nós, espectadores, através de suas expressões corporais de tristeza e abatimento.

Wein termina encontrando Zhang através de um programa de televisão ao vivo. Tímida ao falar, ela faz um apelo desesperado com uma fala embargada e lágrimas nos olhos, atitude essa que comove toda a cidade: “Onde você está? Te procurei por toda a parte. Por que você não volta?”. Não eram apenas os 60 *ieuin* que ela buscava... Ser junto ao outro era o que aquela personagem demonstrava tomar para si.

Imagem: Capa do DVD.



Fonte:

<https://eldoradocarajas.wordpress.com/2015/10/30/filme-nenhum-a-menos-no-cine-clube-2009/>

A história de Wei pode nos desvelar além da ficção. Tantas e tantos Wei entre nós! Agora aqui, nesse espaço tempo, será descrito para você leitor, o dia que os alunos da classe hospitalar da ACACCI, Cravo (7anos) e Rosa (9 anos) brincaram não apenas um com o outro, mas o dia que a professora ÁGUA transformou o saber em ser junto ao outro em uma práxis pedagógica inclusiva. Era uma sexta-feira, o céu estava nublado e a aparência de possível chuva deixava à tarde sombria. Eis que lá pelas 14:50h ambas as crianças chegaram eufóricas de alegria do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória (HINSG) com o carro da instituição para o acolhimento na casa.



Imagem: espaços da brinquedoteca da ACACCI Fonte: (FURLEY; PINEL, 2020)

De acordo com Furley (2019) professora ÁGUA os conhecia e tinha acesso a informações de internações, visto que era contratada pela SEDU para trabalhar na Classe do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória (HINSG)³, onde faziam o tratamento e sabia que ambos estavam recebendo alta hospitalar após uma internação para o processo de 12 horas consecutivas do tratamento quimioterápico.

Nessa tarde, observei que o saber não está indissociado no ambiente da brinquedoteca hospitalar. É impressionante como a escola, os materiais escolares e os modos de ser aluno aparecem repetitivamente no desvelar das brincadeiras na brinquedoteca hospitalar da ACACCI. A professora ÁGUA percebia isso, seus olhos tinham um brilho diferente, mas ela não brilhava sozinha, seus alunos seguravam em suas mãos, um de cada lado e a conduziam ao melhor caminho para uma didática fenomenológica existencial, que acontecia

³ A professora ÁGUA trabalha como professora da Classe Hospitalar do HINSG, e através da parceria entre SEDU, HINSG, SESA e ACACCI foi removida, para atuar na instituição.

ali diante de meus olhos. Se colocar no lugar do outro é, às vezes, se permitir criar novas possibilidades a fim de que as experiências dolorosas possam ser (re)significadas (FURLEY, 2019, p.132).

Após ÁGUA conversar com a responsável pelo setor da brinquedoteca, nomeada como AR, para que juntas pudessem propiciar algo diferente naquela tarde, a aula da classe hospitalar aconteceria no espaço da brinquedoteca. A atividade proposta foi estudar a temática Copa do Mundo do ano de 2018 e após uma roda de conversa, deveriam colorir um desenho com o desenho do mascote ao som de uma melodia alegre que tocava no rádio. ÁGUA encontrava-se sentada em uma mesa com cadeiras infantis e observava a rapidez com que Cravo e Rosa faziam as atividades.



A fala de Cravo surpreendeu a todos na sala: “Acabei ÁGUA! Olha aqui! Posso ir brincar?” (FURLEY, 2019: 130).

A brinquedoteca por lidar com o ludens do ser humano, traz o clima de alegria para dentro de um lugar marcado pelo tempo e pela dor. Não se trata de uma imposição do lúdico, mas o lúdico presentificando-se até mesmo nas vicissitudes. [...] Observamos um lugar e um brinquedo e recordamos dos modos das pessoas e íntimos do paciente-estudante ter brincado, ele está lá, é um dos modos de ser sendo junto ao outro no mundo (PINEL, 2015, p. 43).

Era uma aula, essa professora tinha conteúdos para aplicar e descrevê-los em seu diário de classe. Poderia pedir para Cravo sentar-se, mas não foi o que ela fez. Ao contrário, esticou seu braço, estendeu suas mãos e ambos os alunos levantaram após ela falar: “*Vou brincar com vocês!*”. Situação essa, descrita através das observações da pesquisadora:

Era como se a alegria tivesse transbordado o lugar através de gargalhadas, gritos, euforia, muita euforia da ÁGUA e de seus dois alunos. Não existia o lá fora, nem o antes e o depois. Era apenas o agora. O tempo parou ali e eu fui alcançada com o olhar de ÁGUA, parecia estar envolvida em seu ofício pedagógico que ultrapassou a sala de aula. AR da porta observava a movimentação.

Aproximando-se, me perguntou: - *Era tudo o que ele precisava, não acha Ana?* (FURLEY, 2019, p.130).

E não parou por aí. Observamos também, o poder da brincadeira do faz de conta com uso de fantasias e contações de histórias expandindo sentidos de ser criança, de ser aluno, de pertencimento de si e de mundo através do cuidado da professora. Cravo usou a fantasia que escolheu, vestiu-se de princesa e desfilava sobre o palco do teatro sendo aplaudido pela pequena plateia que o observava. Ele aparentemente demonstrava em suas expressões faciais o desejo em extravasar suas emoções, como se necessitasse transformar a dor em alegria, preenchendo o seu mundo infantil de sorrisos a ponto de não restar nenhuma possibilidade para lágrimas e dor.

Porém a professora precisava dar sequência à aula, aquele horário era destinado à aprendizagem de conteúdo escolar e os dois alunos tinham necessidade em reforçar o treino em leitura e interpretação textual. Foi quando a professora ÁGUA chamou a atenção de todos pedindo direito a fala e disse: *“Tenho outra ideia! Vamos escolher um livro para leitura? Cada um de vocês dois escolhe um livro! Podem começar a escolher! A brincadeira já está valendo!”* (FURLEY, 2019, p.133).

A aula aconteceu a partir de um total envolvimento de alunos e professora, diríamos que a leitura da obra escolhida, sendo declamada em voz alta pelos alunos, foi como um *grand finale* dos melhores espetáculos. O compromisso dessa professora em cumprir com suas tarefas e a empatia, o cuidado nos remete à película *“Nenhum a menos”*. Nos colocamos pensativos e por alguns minutos tentamos imaginar como seria se estivessemos em seu lugar. Se fôssemos a professora ÁGUA o que significaria para cada um de nós a expressão *nenhum a menos*? Seriam os conteúdos? Seria a garantia da presença física dos dois alunos que estavam acolhidos pela instituição naquele dia? Seria o medo de não cumprir com as exigências e perder o contrato temporário? Seria a não exclusão de direitos? Seria a inclusão a partir da não exclusão?

4 PÓS ESCRITO

Após a sensibilização a partir do envolvimento com o fenômeno (a didática de ambas as professoras, Wei e ÁGUA) e associando ficção e realidade, fui tocada pelo que move, a inclusão. Nesse caso, inclusão é incluir o aluno e seu aqui-agora, o seu estar-sendo e todo o seu entorno. Pasmem! Nos resta quebrar as arestras e romper com nossas barreiras, é preciso (re)aprender e (re)significar a práxis pedagógica. Corporeidade, experiências e percepção vivias e sentidas por seres no mundo e que se constituem partir do outro. No outro me vejo, e por ele aprendo a acolher e me permito a ser acolhido.

Pois bem, como disse o escritor conhecido como mestre das palavras, que como poucos transitava entre a poesia e a prosa: *“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”* (ROSA, 199, p. 436).

A professora ÁGUA e a personagem Wei, possuem peculiaridades tão parecidas : uma, professora substituta por 1 mês e a outra, professora substituta por 2 anos. Ambas nunca haviam sequer pisado naquele tipo de local de trabalho, não foram preparadas para estar ali e o que aprenderam foi através de seus esforços.

“A experiência da criança não é feita apenas de objetos, mas também de ultracoisas” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.510). O ser criança experiencia a vida em sua plenitude e o fato dele estar inserido em uma sala de aula, mesmo em modelo diferenciado, nesse caso, em uma brinquedoteca hospitalar ou classe hospitalar, não excluirá em seu ser criança, que deixará de lado seus anseios, suas necessidades e seu desejo à escuta.

De fato, professoras e mestras de uma vida! Vivem diariamente muitos desafios, porém destacamos que o mais árduo talvez seja provar ao Estado a importância da educação hospitalar e assim conseguir, não apenas mais apoio para formação/capacitação e sim, a criação de políticas públicas que possam de fato, garantir o direito à educação nas classes hospitalares, atendimentos domiciliares e retorno a escola regular para espaços de tratamento ou internação hospitalar para um alunado sedento do saber, sedento de um futuro promissor, sedento de dignidade de direitos à vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Marinheiro**. In: A senha do mundo. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BRAGIO, Jaqueline. **O sentido de ser educadora das/nas brinquedotecas do Hospital Infantil de Vitória/ES: um estudo a partir dos conceitos de experiência, narrativa & cuidado**. 26/03/1994 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1143/1/Dissertacao.Jaqueline%20Bragio.pdf> Acesso em: 03 de Agosto de 2020.

_____. **A fenomenologia de ser professora em uma classe hospitalar**. 21/10/2019 238 f. Tese (Doutorado em Educação): Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_13832_TESE%20DE%20DOUTORA%20-%20%20JAQUELINE%20BRAGIO.pdf Acesso em: 03 de Agosto de 2020.

BRASIL. Lei nº 11.104/2005. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. 2005. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11104.htm Acesso em: 03 de Agosto de 2020.

BRASIL. Lei nº 13.716/18. **Assegura atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado**. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm Acesso em: 03 de Agosto de 2020.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Aquariana, 2007.

FURLEY, Ana Karyne L. G. W. **Ser criança com câncer em uma brinquedoteca hospitalar: um estudo em Merleau-Ponty**. 15/04/2019. 278 f. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Federal do Espírito Santo,

Vitória. Disponível em:

http://repositorio.ufes.br/jspui/bitstream/10/11198/1/tese_13327 DISSERTA%C3%87AO%20FINAL-ANA%20KARYNE%20LOUREIRO%20FURLEY.pdf

Acesso em: 03 de Agosto de 2020.

FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran. **Por uma fenomenologia do brincar**. Curitiba: Appris, 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Pinel, Hiran (Org.). **Pedagogia hospitalar; um enfoque fenomenológico existencial**. São Paulo: Clube de Autores, 2015.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertões: Veredas**. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

FILME

NENHUM A MENOS. Direção: Zhang Yimou. Roteiro: Xiangsheng Shi. Intérpretes: Wei Minzhi, Zhang Huike, Tian Zhenda, Gao Enman, Sun Zhimei. Produtoras: Beijing New Picture Distribution, Columbia Pictures, Film Productions Asia, Guangxi Film Studio. Beijing: Columbia Pictures, 1999. 1 DVD (106 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WWGj0gXzoD4> Acesso em: 12 de Dezembro de 2019